

Do circuito cultural ao circuito da notícia: intersecções teórico-metodológicas

Vilso Junior Chierentin Santi Doutorando em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: vjrsanti@yahoo.com.br

Márcia Franz Amaral Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), docente do mestrado em Comunicação Midiática, da graduação em Jornalismo e tutora do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: marciafranz.amaral@gmail.com

Resumo: No presente artigo, lançamos mão das contribuições teórico-metodológicas dos Estudos Culturais Britânicos, em especial dos postulados Richard Johnson (1999) no que se refere ao “Circuito da Cultura”, a fim de entender e/ou explicar a dinâmica da cultura, dos produtos culturais, e suas intersecções com a prática jornalística. Para tanto aqui trataremos dos estudos culturais e de sua configuração, do “Circuito da Cultura” e de sua aproximação com o “Circuito das Notícias”, numa tentativa de abordagem integral e integradora, que reivindica uma visão global dos processos jornalísticos sustentada na idéia de integração entre produção, textos/ discursos e leituras.

Palavras-chave: Teorias do jornalismo; Processos jornalísticos; Circuito das notícias; Metodologia de pesquisa em jornalismo; Estudos culturais.

Abstract: In this article, we make use of theoretical and methodological contributions of the British Cultural Studies, in particular of the postulates by Richard Johnson (1999) regarding the ‘Circuit of Culture’, in order to understand and / or explain the dynamics of culture, of cultural products, and their intersections with journalistic practice. This way, we will deal with cultural studies and their configuration and with the “Circuit of Culture” and its reapproach to the “Circuit of news”, in an attempt to reach a full and inclusive approach, which claims an overview of the journalistic processes sustained in the idea of integration between production, text/ speeches and readings.

Keywords: Theories of journalism; Journalistic processes; Circuit of news; Research methodology in journalism; Cultural studies.

Resumen: En el presente artículo, lanzamos manos de las contribuciones teóricas y metodológicas de los Estudios Culturales Británicos, en especial de los postulados por Richard Johnson (1999) en lo que se refiere al “Circuito de la Cultura”, a fin de comprender y/o explicar la dinámica de la cultura, de los productos culturales, y sus intersecciones con la práctica periodística. Por lo tanto, acá trataremos de los estudios culturales y de su configuración, del “Circuito de la Cultura” y de su acercamiento con el “Circuito de las Noticias”, en un intento del abordaje integral y de inclusión, que reivindica una visión general de los procesos periodísticos sostenida en la idea de integración entre producción, textos/discursos y lecturas.

Palabras-clave: Teorías del periodismo; Procesos periodísticos; Circuito de las noticias; Metodología de la investigación en lo periodismo; Estudios Culturales.

Introdução

Na busca de sinalizadores capazes de, ao menos, balizar nossa incursão acadêmica pelo universo da comunicação em geral e mais especificamente pelo campo do jornalismo, lançamos mão, para esse trabalho, de algumas contribuições teórico-metodológicas que indubitavelmente nos acompanharão ao longo de nosso trajeto.

O objetivo primeiro é apresentar alguns conceitos e/ou idéias sobre a comunicação e a prática jornalística, vinculadas à tradição dos Estudos Culturais, sua origem e desenvolvimento, os quais terão importância basal em nossa tarefa posterior. E, assentados nesse paradigma, estruturar nossa abordagem arquitetando as considerações acerca da comunicação e do jornalismo vinculando-as com a cultura e com sua lógica de funcionamento, produção e circulação.

Para tanto, tomaremos de empréstimo o modelo concebido por Johnson (1999) a fim explicar a dinâmica da cultura e dos produtos culturais e, através de um exercício teórico, transportá-lo para o campo jornalístico. Visto de outra forma, procuraremos trazer o jornalismo, como resultante e resultado de um processo de construção cultural, via notícias, para dentro dessa sistêmica lógica.

O presente trabalho consiste primeiro num esforço para formação de uma proposta teórica-metodológica relativamente nova, híbrida e ainda em construção; depois, pretende colaborar para a difusão de uma particular visão sobre o jornalismo, como objeto de pesquisa científica na área de comunicação, enfocando aquilo que lhe dá vida, ou seja, seus processos.

Ao lançarmos mão do “Circuito da Cultura” proposto por Johnson (1999), daquilo que Strelow (2007) chamou de “Análise Global dos Processos Jornalísticos” e/ou do “Protocolo Analítico de Integração da Produção e da Recepção” de Escosteguy (2007) aspiramos despertar a atenção, primeiro à necessidade depois à possibilidade, de combinação entre diferentes técnicas de pesquisa social em comunicação, o que potencialmente pode resultar em estudos que busquem contemplar juntos, e da forma mais integral possível, os principais momentos do processo jornalístico – produção, textos/discursos, leituras junto com seus reflexos nas culturas vividas e nas relações sociais.

Os estudos culturais e sua configuração

A Inglaterra, todos sabemos, não produziu e/ou ofereceu ao mundo apenas a Revolução Industrial. Grandes correntes de pensamento, ligadas ao desenvolvimento do saber, também foram gestadas nos domínios britânicos. Uma dessas correntes foi, sem dúvidas, os chamados Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais Britânicos surgem no final dos anos de 1950 vinculados ao CCCS (Centro de Estudos Culturais Contemporâneos) da Universidade de Birmingham na Inglaterra. Desde o nascimento eles foram pautados pela transdisciplinariedade e fortemente influenciados pelo estruturalismo e pela semiologia materialista. A escola teve seus pressupostos firmados pelos pesquisadores Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Palmer Thompson e, posteriormente, Stuart Hall.

A mercantilização da cultura, bem como a aceleração da organização capitalista dentro do universo cultural, facilitada pela atuação progressiva dos meios de comunicação, está entre os principais fatores que contribuíram para a formatação dos Estudos Culturais como linha de pesquisa e análise no seu nascedouro. Desde então, a corrente tem se caracterizado, principalmente por vincular suas análises às realidades históricas locais, pela variedade de objetos que estuda e analisa e por sua interdisciplinaridade. “Aquele que realiza Estudos Culturais fala a partir de interseções,” ressalta García Canclini (1995, p.27).

Nessa breve linha histórico-temporal fica claro, conforme os postulados dos Estudos Culturais, que a cultura não pode ser apreendida como um todo. De acordo com Johnson (1999, p.19) para entendê-la precisamos de uma estratégia particular de definição. Uma estratégia capaz de revisar as abordagens existentes que, além de identificar seus objetos característicos e a abrangência de sua competência, também mostre as suas falhas e os seus limites. Na verdade, diz ele, “não é de uma definição ou de uma codificação que precisamos, mas de ‘sinalizadores’ de novas transformações”.

Com essa finalidade, análises e comparações de problemáticas teóricas podem ser componentes essenciais para uma boa análise cultural. Segundo Johnson (1999, p.23), porém, “sua dificuldade principal é que as formas abstratas de discurso desvinculam as idéias das complexidades sociais que as produziram ou às quais elas, originalmente, se referiam”.

Em Johnson, portanto, o termo ‘cultura’ tem valor apenas como um lembrete, não como uma categoria precisa. Conforme ele falar de cultura é falar de polissemia. Por isso, na tentativa de emprestar maior precisão ao fenômeno cultural, Johnson (1999, p.25) prefere falar da relação entre ‘consciência’ e ‘subjetividade’ para melhor defini-la. Para o autor os problemas centrais dos Estudos Culturais estão situados nalgum ponto entre esses dois termos:

Para mim, os Estudos Culturais dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, em uma síntese bastante perigosa, talvez uma redução, os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais.

Assim, conforme o autor, as abstrações simples que têm sido usadas até o momento não podem nos levar muito longe. Em acordo com sua definição de cultura Johnson (1999), não mais limita o campo cultural à práticas especializadas, a gêneros particulares ou a atividades populares de lazer. Segundo ele, todas as práticas sociais podem ser examinadas de um ponto de vista cultural, ou seja, podem e devem ser examinadas pelo trabalho que elas fazem subjetivamente. O que vale também para a mídia, o jornalismo e seus modos de consumo e operação.

O circuito da cultura e o circuito das notícias

Com vistas a explicar a complexificação das questões, bem como suas ricas categorias intermediárias, Johnson (1999, p.31-32) propõe um modelo de análise mais estratificado do que as teorias gerais existentes. Um modelo que, idealmente, ambiciona ver os diferentes lados de um mesmo e complexo processo.

Para tanto, faz-se necessária uma descrição, ao menos provisória, dos diferentes aspectos ou momentos dos processos culturais, aos quais poderiam ser relacionadas diferentes problemáticas teóricas – como a do “Circuito das Notícias” por exemplo. O resultado desse exercício é, porém, um modelo não acabado, “um guia que aponta para as orientações desejáveis de abordagens futuras ou de que forma elas poderiam ser modificadas ou combinadas” (JOHNSON, 1999, p.33).

Na busca de um melhor entendimento de sua proposta Johnson (1999, p.33-34) procura apresentar seu modelo de forma diagramática. O diagrama, segundo ele:

Tem por objetivo representar o circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais. Cada quadro representa um momento nesse circuito. Cada momento depende dos outros e é indispensável para o todo. Cada um deles, entretanto, é distinto e envolve mudanças características de forma. Segue-se que se estamos colocados em um ponto do circuito, não vemos, necessariamente, o que está acontecendo nos outros. As formas que tem mais importância para nós, em um determinado ponto, podem parecer bastante diferentes para outras pessoas, localizadas em outro ponto.

Esse diagrama proposto por Johnson (1999, p.34) baseia-se, em sua forma geral, numa leitura da descrição que Marx fez do circuito do capital e suas metamorfoses, onde, os processos sempre acabam por desaparecer nos produtos. Para Johnson:

Todos os produtos culturais, por exemplo, exigem ser produzidos, mas as condições de sua produção não podem ser inferidas simplesmente examinando-os como 'textos'. De forma similar, os produtos culturais não são 'lidos' apenas por analistas profissionais, mas pelo público em geral. Por isso, nós não podemos predizer essas leituras a partir de nossa própria análise ou, na verdade, a partir das condições de produção.

Johnson (1999, p.34) alerta ainda, que devido à circularidade do sistema as comunicações tendem a ser transformadas ao longo de seu percurso, principalmente em seu caminho de retorno. Segundo ele, para compreender adequadamente essas transformações, temos de compreender "as condições específicas do consumo e da leitura", estas por sua vez incluem as "simetrias de recursos e de poder" tanto materiais quanto culturais.

Também acabam por incluir os elementos culturais já ativos no interior de contextos particulares, as culturas vividas, e as relações sociais das quais essas combinações dependem. "Esses reservatórios de discursos e significados constituem, por sua vez, material bruto para uma nova pro-

dução cultural. Eles estão na verdade entre as condições especificamente culturais de produção” (JOHNSON, 1999, p.34).

Outro ponto importante assinalado por Johnson (1999, p.35) diz respeito ao fato de que em nossas sociedades, muitas formas de produção cultural assumem também a forma de mercadorias capitalistas. Assim sendo, conforme o autor, temos de prever tanto condições especificamente capitalistas de produção, quanto condições especificamente capitalistas de consumo. “É por isso que nesses casos o circuito é a um só tempo, um circuito de capital e um circuito de produção e circulação de formas subjetivas”.

Dessa forma é através da notícia que podemos viabilizar aquela aproximação antes proposta para com o jornalismo. Notícias como mercadorias que carregam uma acumulação particularmente rica de significados. Isso, conforme Johnson (1999), levanta questões interessantes sobre o que constitui o texto e evidencia que nunca será suficiente analisar apenas o “design” das notícias e suas formas exteriores.

Portanto, tomaremos de empréstimo o “Circuito da Cultura” proposto por Johnson (1999) na tentativa de detalhar aquilo que Strelow (2007) convencionou chamar de “Análise Global dos Processos Jornalísticos” e que Escosteguy (2007) qualificou como um novo “Protocolo Analítico de Integração da Produção e da Recepção”. Nessa lógica, o “Circuito da Cultura” proposto por Johnson (1999) é basilar para o entendimento da notícia como produto e ao mesmo tempo produtora de cultura, a qual percorre todo o circuito perpassando, através das disputas em torno da construção imagética do real, as instâncias de produção, textos e leituras e suas diferentes fases.

A análise global dos processos jornalísticos

Neste esaiio procuramos detalhar uma estratégia de investigação em comunicação que possibilita a análise de cada uma das etapas apresentadas por Johnson (1999), destacando o inter-relacionamento das mesmas, à luz dos estudos de jornalismo. Ou seja, estudar o jornalismo tendo como diretriz o circuito comunicacional ou o “Cicuito das Notícias”, analisando os momentos desse processo e seus pontos de intersecção com as teorias e conceitos da área. Este olhar global sobre os produtos jornalísticos, tem como premissa colocar em perspectiva conceitos e inferências que ficariam prejudicados se ancorados em um único ponto do circuito.

A “Análise Global de Processos Jornalísticos” (AGPJ), segundo Strelow (2007), trata-se de uma estratégia de pesquisa que permite o emprego de diferentes técnicas, desde que voltadas ao estudo da produção, do texto, da leitura e das relações sociais no “Circuito das Notícias”. Ela compreende quatro momentos: 1) análise sócio-histórico-cultural; 2) análise de produção; 3) análise de textos; 4) análise de leituras e retornos. Embora esses momentos não sejam estanques, não obedecem a uma seqüência rígida, podemos, para fins de sistematização, analisá-los em separado o que possibilita um melhor entendimento de suas peculiaridades. No entanto, é necessário ter em mente os entrecruzamentos que acompanham esse processo que é contínuo e sem limites definidos.

Cabe enfatizar, como aponta Johnson (1999, p.106) que o circuito não foi apresentado como uma descrição adequada de processo culturais ou mesmo de forma culturais elementares; não se trata de um conjunto completo de abstrações em relação a qual toda a abordagem parcial possa ser julgada; e não constitui, portanto, uma estratégia adequada para o futuro se for tomado como a adição dos três grandes conjuntos de abordagens – produção, textos e leituras – usando-as cada uma em seu respectivo momento. “Isso não funcionaria sem que houvesse transformações em cada abordagem e talvez em nosso pensamento sobre momentos”. Diz ele:

É importante reconhecer que cada aspecto tem uma vida própria a fim de evitar reduções, mas, depois disso, pode ser mais transformativo repensar cada momento a luz dos outros, importando – para outro momento – objetos e métodos de estudo comumente desenvolvidos em relação a um determinado momento (JOHNSON 1999, p.106).

1) A análise contextual sócio-histórica

Seguindo à proposição de Strelow (2007), adicionamos ao diagrama proposto por Johnson (1999) uma contextualização sócio-histórico-cultural na qual nosso objeto de estudo possa estar inserido. Compreendemos que agregar tal contexto é fundamental para a compreensão dos processos comunicacionais que se estabelecem, bem como as suas realidades de produção e de leitura.

Tal agregação parece particularmente importante quando se procura estudar, por exemplo, a relação entre periódicos impressos represen-

tantes do campo do jornalismo e por consequência do campo das mídias; e atores, organizações ou movimentos sociais integrantes do campo político. Assim, pode ser necessário retomar a história de ambos os agentes e seus campos de atuação, bem como, a própria teoria dos campos sociais a fim de posicioná-los nesse universo palco de sua atuação. Neste momento a aplicação de técnicas como pesquisas bibliográficas, consulta a documentos e diferentes tipos de entrevistas pode ser fundamental.

A noção de campo, emprestada de Bourdieu, vem ao encontro da necessidade de relacionar o lugar da produção social com o lugar da produção simbólica. Para o autor (1990, p.171), “com a noção de campo obtém-se para apreender a particularidade na generalidade, a generalidade na particularidade”.

O território de um campo constitui-se a partir da existência de um capital e se organiza na medida em que seus componentes têm um interesse irreduzível e lutam por ele. Capital, conceito chave no modelo proposto por Bourdieu, só é definível a partir do campo. Na descrição do autor acerca dos capitais, aparece um em especial – o capital simbólico – como superior aos demais, por dar sentido ao mundo e transitar por todos os campos.

Conforme Bourdieu (1989, p.14) o poder simbólico, ligado ao capital de mesma ordem, refere-se ao poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer crêr e de fazer ver, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo. Ele é um poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização. O mesmo só se exerce se for reconhecido, quer dizer, se for ignorado/ tomado como arbitrário.

2) A produção e a publicação das notícias

O primeiro momento do processo jornalístico no circuito comunicacional proposto por Johnson (1999) é a produção. Trata-se da construção da notícia, do produto jornalístico em si, e tudo o que está envolvido neste trabalho, ou seja, as condições de produção. O autor aponta como definidores dessas condições as representações públicas e a vida privada dos agentes, no caso, dos jornalistas.

Aqui podemos adotar, para a análise deste ponto do processo, o paradigma do newsmaking, hipótese contemporânea de pesquisa em comunicação que se debruça sobre as rotinas de produção no jornalismo. É um estudo ligado à sociologia do jornalismo e tem ênfase na produção de informações, ou melhor, na potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia (HOHLFELDT, 2001). Porém é importante observar que a abordagem do newsmaking articula-se, principalmente, dentro de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos seus processos produtivos. De acordo com Wolf (2001, p.188), são as conexões e as relações existentes entre os dois aspectos que constituem o ponto central deste tipo de pesquisa.

Através desta análise, é possível, também, compreender as culturas vividas e as relações sociais que se estabelecem, neste momento do circuito, e que o ligam aos demais. Mas não é só isso, precisamos também deslindar o lugar de produção dos acontecimentos e não somente o lugar de produção das notícias. Já que, como aponta Bourdieu (1989, p.23), faz parte do dever do jornalista preencher sua obra com significações aparentemente opostas. Pois, para o autor, ao mesmo tempo em que o profissional satisfaz um compromisso realista, que carrega um valor de atestação, ele vale-se inegavelmente do simbolismo.

Ainda segundo o autor, se o enquadramento jornalístico seleciona os objetos, o que é correto, ele também elimina tudo aquilo que não diz respeito a significação pretendida em seu uso. Pois a notícia tem um sentido no contexto histórico, que pode evocar uma força performativa que varia também na história, isto é, atualiza-se de acordo com a posição ocupada pelo agente que a lê e o sistema simbólico de referência.

Dessa forma, conforme Miranda (2000, p.168), para constituir as notícias em um objeto autônomo de estudo, precisamos considerá-la como obra da cultura e operar-lhe o sistema das normas que presidem a sua fabricação. Assim junto com a análise de conteúdo das notícias, que tem valor documental e que pode esclarecer acerca de certos aspectos da vida social, devemos buscar uma análise estrutural das significações nas notícias a fim de possibilitar o reconhecimento das normas específicas e explicitamente conhecidas como normas pelos profissionais de imprensa.

Portanto, naturalmente, devemos examinar as formas culturais do ponto de vista da produção mas não podemos esquecer que essa análise deve incluir as condições e os meios de produção, especialmente em

seus aspectos subjetivos e culturais. “Em minha opinião, devemos incluir descrições e análises também do momento real da própria produção – o trabalho de produção e seus aspectos subjetivos e objetivos. Não podemos estar perpetuamente discutindo as condições, sem nunca discutir os atos”, enfatiza Johnson (1999, p.63).

3) O texto e seu descentramento

A análise dos textos no circuito comunicativo de Johnson (1999) corresponde no “Circuito das Notícias” ao estudo do conteúdo ou do discurso jornalístico. Descoladas de uma pesquisa mais ampla, estas técnicas costumam apontar para resultados discutíveis em relação ao objeto analisado. No entanto, quando cruzadas com outros olhares e combinadas com outras ferramentas, elas contribuem para a compreensão do jornalismo, especialmente porque permitem a observação do produto final que será consumido pelos leitores, o texto.

Ao mesmo tempo, não podemos deixar de admitir que um estudo que pretende se basear numa conjuntura histórica e sazonal, deve ter como premissa a crença que o contexto é crucial na produção de significado. Assim, de forma mais geral, precisamos “descentrar o texto” como um objeto de estudo. Nessa fase do “Circuito das Notícias” o texto não pode mais ser estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas “formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna disponíveis” (JOHNSON, 1999, p.75).

Diferentes técnicas podem ser empregadas neste momento, dentre elas: análise de discurso, de conteúdo, estudos semiológicos, de lingüística, etc. Tomamos, porém, para este recorte teórico-metodológico os recursos da análise do discurso por julgá-la mais convenientemente. Como trata da “prática da linguagem” e “da construção de sentidos através da língua”, a análise do discurso permite um mergulho no funcionamento do texto jornalístico, do qual se depreendem características das posições de sujeito, do contexto no qual ele o discurso está inscrito e, mesmo, do leitor imaginado da referida mensagem (ORLANDI, 2001, p.15).

Dessa forma, ao invés da mensagem, o que se propõe é pensar o discurso (ORLANDI, 2001, p.21). “Não se trata de transmissão da informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não mera-

mente transmissão de informação”. O “discurso é o efeito de sentidos entre locutores”, aponta a autora.

É dessa forma que sustentamos que análise de discurso oferece um ponto de vista conveniente, pois entende a linguagem não como um simples suporte para a transmissão de informações, mas como o que permite construir e modificar as relações entre os interlocutores, seus enunciados e seus referentes (MAINGUENEAU, 2002, p.20). Nesta medida a linguagem constitui e não simplesmente descreve aquilo que é por ela representado. Assim, também os discursos não podem ser considerados como objetivos. Efetivamente, eles fornecem apenas representações da realidade baseadas sobre idéias preconcebidas.

O discurso também é uma forma de representar o conhecimento acerca de determinado tópico em determinado momento histórico. O discurso tem a ver com a produção de conhecimento através da língua, mas uma vez que todas as práticas sociais transmitem significados, e os significados moldam e influenciam o que fazemos, todas as práticas tem um aspecto discursivo (HALL, 2003, p.44).

Ainda no plano dos conceitos, para se refletir o jornalismo, há que se ter presente que: na relação de sentido todo discurso nasce em outro e aponta para outro; todo processo de produção discursiva é ao mesmo tempo um processo de recepção e que todo o processo de recepção implica, por sua vez, o começo de “uma nova cadeia de construção de significantes ou de semiose” (BERGER, 2003, p.25). Assim sendo o discurso jornalístico, ao inscrever o modo de produção da linguagem na produção social geral, permite situar a notícia no interior de uma complexa rede produtiva.

Neste momenteo do “Circuito das Notícias” propomos portanto estudar as condições em que se dá a produção do emissor e do receptor em momentos separados, mas que se encontram em um ponto comum, o texto. Esse contato entre jornalistas e leitores, no entanto, se dá também através de outras instâncias. Quer dizer, embora o texto seja o lugar oficial para esse encontro, o contato se dá também fora dele, e essa interação deve ser observada.

4) A leitura como ato de produção

No “Circuito das Notícias” a leitura ou recepção não é um momento isolado do processo comunicativo, mas integra a dinâmica da rede.

Todos os momentos do circuito comunicativo estão interligados. A leitura, como define Johnson (1999), não pode ser tratada como assimilação, mas, como um ato produtivo. Aliada aos estudos de produção e texto a investigação nessa linha permite o conveniente desenho do processo comunicacional de uma organização ou veículo, por exemplo.

Cabe de imediato lembrar que, de acordo com Berger (2003, p.85) os leitores nos textos são sempre leitores na sociedade. Tal assertiva permite através da semiologia pensar uma teoria da produção de sujeitos. Nela, as narrativas ou as imagens sempre implicam ou constroem uma posição ou posições a partir das quais elas devem ser lidas ou vistas. Nessa ótica, o jornalismo não se limita apenas a nos apresentar um objeto, ele na verdade nos posiciona relativamente a este objeto.

Se acrescentarmos a isso o argumento de que certos tipos de textos naturalizam os meios pelos quais este posicionamento é atingido, podemos fazer uma conexão entre, de um lado, a análise das formas textuais e, de outro, a exploração das intersecções com as subjetividades dos leitores. Para Berger (2003, p.86) isso é possível, mais adequadamente, através das posições de leitura oferecidas em um texto.

A autora ainda argumenta que o objeto legítimo de uma identificação de posições é constituído pelas pressões ou tendências das formas subjetivas, pelas direções nas quais elas nos movem, ou seja, por sua força – uma vez ocupadas às posições. “Mas, passar do leitor no texto para o leitor na sociedade é passar do momento mais abstrato (a análise de formas) para o objeto mais concreto (os leitores reais, tais como eles são constituídos socialmente, historicamente, culturalmente)”, diz Berger (2003, p.87). É por isso que devemos então, tratar a leitura não como recepção ou assimilação, mas como sendo, ela própria, um ato de produção.

Cabe ainda considerar que em nosso dia-a-dia nos deparamos com os textos de uma forma bastante promiscua. Na vida cotidiana os materiais textuais são mais complexos, múltiplos, sobrepostos, coexistentes, justapostos; em uma palavra “intertextuais”. Portanto, se usarmos uma categoria mais ágil como discurso, para indicar elementos que atravessam diferentes textos, podemos dizer que todas as leituras são também “interdiscursivas”. Ou seja, nenhuma forma subjetiva atua, jamais, por conta própria.

Como já dissemos será o contexto quem vai determinar o significado, as transformações ou a saliência de uma forma subjetiva particular, tanto quanto a própria forma. O contexto, porém, inclui não só o contexto

das situações imediatas, mas também, o contexto ou a conjuntura histórica mais ampla.

Berger (2003, p.90) ainda alerta: “qualquer análise ficaria incompleta sem alguma atenção ao próprio ato de leitura e sem uma tentativa de teorizar seus produtos” e aponta que uma ausência comum nessas análises é uma tentativa de descrever mais elaboradamente as formas superficiais – os fluxos de fala no interior das narrativas – que são o aspecto mais empiricamente óbvio da subjetividade.

Por isso mesmo ela recomenda uma análise daquilo que chama de “aspectos subjetivos de luta”. Ou seja uma análise que contemple o “fluxo subjetivo no qual os sujeitos sociais (individuais ou coletivos) produzem narrativas sobre quem eles são como agentes políticos conscientes, isto é, como eles se constituem a si mesmos politicamente” (BERGER, 2003, p.94).

Cabe ainda aqui agregar outras contribuições. A visão apresentada por Martín-Barbero (1995, p.40) também parece oportuna no que se refere a leitura e/ou a recepção:

A recepção não é somente uma etapa no interior do processo de comunicação, um momento separável, em termos de disciplina, de metodologia, mas uma espécie de outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro da comunicação. Isto significa uma pesquisa de recepção que leve à explosão do modelo mecânico, que, apesar da era eletrônica, continua sendo o modelo hegemônico dos estudos de comunicação.

A proposta do autor é de um estudo, não dos efeitos dos meios de comunicação na vida das pessoas, mas do que as pessoas fazem com os meios, a sua leitura de todo este processo, desde o ponto onde ela se coloca no circuito.

Para Thompson (2001), a recepção é uma atividade, um tipo de prática pela qual o indivíduo percebe e trabalha o material simbólico que recebe. No processo de recepção, os indivíduos usam as formas simbólicas para suas próprias finalidades, de maneiras extremamente variadas e relativamente ocultadas, uma vez que essas práticas não estão circunscritas a lugares particulares.

Além disso, os usos que os receptores fazem das matérias simbólicas podem divergir consideravelmente daqueles (se é que houve) objetivos pensados ou desejados pelos produtores. Mesmo que os indivíduos tenham pequeno ou quase nenhum controle sobre os conteúdos das matérias simbólicas que lhes são oferecidas, eles os podem usar, trabalhar e reelaborar de maneiras totalmente alheias às intenções ou aos objetivos dos produtores.

Conforme o autor, a recepção é um processo situado, porque acontece com indivíduos em determinado contexto sócio-histórico; rotineiro, porque é parte integrante das atividades da vida diária; especializado, porque exige conhecimentos específicos (referentes à técnica, ao conteúdo, etc.); e hermenêutico, pois envolve interpretação, através da qual os produtos adquirem sentido.

Diferentes ferramentas podem ser empregadas para o estudo da leitura: grupos focais, pesquisa participante, pesquisa-ação, entrevista, história oral, etc. Nesta etapa ouvir os leitores pode permitir a inserção, nos limites do possível, nas culturas vividas e nas relações sociais, restritas, ao campo jornalístico e cultural, além de representar também, uma estratégia para entender suas rotinas de leitura.

Considerações finais

Nós, em sintonia com Escosteguy (2007) e assim como Strelow (2007), acreditamos que olhar o jornalismo através das lentes da “Análise Global dos Processos Jornalísticos” e/ou através de um “Protocolo de Analítico de Integração da Produção e da Recepção” é comprometer-se com uma visão globalizante dos processos comunicativos. Tal escolha estratégica visa melhor compreender o “Circuito das Notícias” em seus principais momentos – produção, textos/ discursos e leituras – além de dedicar especial atenção às relações estabelecidas entre eles e aos desdobramentos daí decorrentes.

Embora carregue pretensões sistematizadoras, tal poposta de arranjo teórico-metodológico não pretende, de nenhuma forma, apresentar-se como uma receita única e total. Pensamos que a estratégia mais adequada para um determinado trabalho sempre diz respeito não somente ao objeto escolhido e a problemática a ser estudada, mas também ao perfil do próprio pesquisador, à sua relação com os estudos na área e fundamentalmente às suas escolhas.

Assim, ao lançarmos mão do “Circuito da Cultura” como sustentáculo desse novo protocolo de análise no “Circuito das Notícias”, escolhemos combinar diferentes técnicas de pesquisa social em comunicação num estudo catalizador afim de tentar suprir, da maneira mais integral possível, a ausência de estudos com esse caráter dentro do campo da comunicação e do jornalismo. Dessa forma, entendemos esta proposta como uma diretriz a ser problematizada a cada nova pesquisa que possa vir a utilizá-la.

Bibliografia

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A história do fim: uma política e um pensamento libertadores podem surgir do Leste**. Folha de São Paulo, São Paulo, 04 fev. 1990. Ilustrada, p. D-20.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Circuitos de cultura/ circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação Mídia e Consumo/ Escola Superior de Propaganda e Marketing**. São Paulo, v. 4, n.11, p.115-135, nov.2007.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o campo da comunicação**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ)**: uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2001.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.